

A figura literária do soter *em Os Sertões*

Délia Cambeiro | UERJ

Resumo: Este artigo visa a analisar de que modo se construiu a figura literária de Antônio Vicente Mendes Maciel – o Conselheiro. No diálogo do texto com o contexto, analisam-se passagens de Os sertões, de Euclides da Cunha, obra revista pela crítica de Ataliba Nogueira e de Roberto Ventura. Utilizou-se uma leitura baseada na categoria sagrado, além do apoio teórico de Pierre Brunel, para concluir-se que na metamorfose do Conselheiro permanece a figura do soter.

Palavras-chave: sagrado, messianismo, mito.

1. Questionamentos iniciais

Refletir sobre Canudos e seu carismático líder, 105 anos após a passagem do Anjo da Morte pelo arraial, não é só pensar a importância da obra nem do fenômeno que o eternizou. Retomar o assunto é importante exercício de questionamento da condição e dos valores essenciais da humanidade principalmente em tempos de obstinado investimento nihilista que reforça o sentido de fragmentação da vida.

A análise da figura literária do Conselheiro eternizada por Euclides da Cunha¹, em sua obra *Os sertões*, desvela ao pesquisador de *mito* e de *sagrado* um homem radicalmente envolvido na força dinamizadora do *sacer*², ou seja, do sagrado primacial que guarda a pureza do fundamento de tudo. Segundo os critérios de tal investigação, de fato, o líder sertanejo semeou como critério de Verdade absoluta da vida a transcendência, porém, não se pode negar, também tentou dignificar seus fiéis, organizando-os no mundo material. Naquele momento e naquela desfavorecida geografia, a idéia de absoluto e de transcendência, já questionada por novos fluxos do pensamento filosófico, ainda exercia seu vigor e era capaz de unir exilados, sublimando na esfera do sagrado os problemas crônicos da esfera social.

Hoje, além das citadas categorias, também outras concernentes à religiosidade quedaram-se esvaziadas sob o impacto da pulverização do significado de Deus já deflagrada por Nietzsche. Talvez em decorrência dessa dúvida o mundo apresente-se sombreado por radical singularização do vulgar, por visível perda dos valores supremos e eternos, apesar do recrudescimento das investidas de seitas religiosas nas últimas décadas. O homem atravessa agora radical fragmentação da vida ecleticamente convertida em simulacros e em pastiches. Tais experiências, como afirma M. Eliade,³ conduzem ao descrédito e ao vazio o ser humano transformado em “massa disforme e já desprovida de um *omphalos* orientador” – o que não acontecia no utópico espaço de Canudos.

1. Este trabalho é síntese da Tese de Doutorado em Literatura Comparada “A figura do herege: Eon de l’Etoile e Antônio Conselheiro”, defendida na Faculdade de Letras da UFRJ em 1999.
2. “Sacer”, ou seja, “salvador” – do grego *soterion* – está ligado a outras categorias, tais como, mito, sagrado, utopia, messianismo e milenarismo. Sugere a chegada do Milênio e a proclamação do Reino Messiânico, porém, mais do que isso, aponta para a esperada sociedade preconizada por Cristo em que todos seriam iguais perante o Pai. Antes da volta gloriosa de Jesus – a *parusia* – e sua interferência na História, tais promessas de salvação espiritual e de igualdade social podem ser apresentadas por uma outra figura capaz de unir os homens no campo espiritual e também esclarecê-los no âmbito material. O “soter”, portanto, não se refere apenas a Jesus, mas a um ser reconhecido por sua importância no grupo. Ver: ENCICLOPÉDIA. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/Einaudi, 1987. v. 12; OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992; SÉGUY, Jean. *Messianismes et millénarisme*. Ou de l’attente comme catégorie de l’agir social, In: CHAZEL, F. *Action collective et mouvements sociaux*. Paris: PUF, 1993.
3. ELIADE, [s.d.], passim.

Investigar e atualizar, sob o prisma de *mito* e de *sagrado*, o movimento de Canudos e seu mentor constitui, portanto, intrincado caminho aberto em meio a pedras da banalidade de um cotidiano sem compromisso de perenidade e esquecido da questão sobre a verdade ou a salvação da alma, tão discutidos, por exemplo, na Idade Média. Não faria sentido, portanto, um olhar de investigação mítico-sagrada presa do tempo e da geografia. Ao contrário, a releitura da representação literária do Conselheiro, visando à constante reflexão sobre o movimento por ele liderado, reatualiza temas essenciais da humanidade – entre eles *mito* e *sagrado* – latentes no ambiente descrito por Euclides da Cunha.

A validade de tal pesquisa para o século XXI é assegurada por alguns estudiosos – teólogos, sociólogos da religião, mitólogos, etc. – que, em meio ao caos da “derrota de Deus”,⁴ pressentem, e por isso investigam, a tentativa de o homem reconectar-se com o sagrado. Segundo essas obras, o tipo de conexão com a transcendência ocorrida em Canudos evidencia um “fenômeno que visa utilizar a religião em função de exigências de natureza social.”⁵ Mas o objetivo de tais indagações concentra-se na dimensão do sagrado “fora da lógica de compensação e de segurança que orienta a busca de formas de identidade e de segurança social”.⁶ Pretendem assinalar, em especial, que, só assim, a busca da transcendência “não é mais ditada pelo desejo de preencher uma carência, mas é sobretudo uma disposição para a escuta”.⁷

É evidente que tais indagações sobre *mito* e *sagrado* tencionam rigorosa verticalização conceitual apta a uma leitura universalizante e atemporal da condição humana. Seria impossível, porém, (re)pensar o fenômeno Canudos apenas enraizado na “escuta” da voz do sagrado, sem associá-lo à compensação social, sem ligá-lo à evidente “carência” material.

Este trabalho, orientado por tal perspectiva, visa a demonstrar de que forma está delineada, na obra *Os sertões*, a figura do Conselheiro e sublinhar seu papel de condutor espiritual e social, ou seja, o *soter* capaz de guiar um grupo em crise, prometendo a todos tanto a felicidade de uma sociedade sem classes quanto a salvação da alma no pós-morte.

4. QUINZIO, 1978, passim.

5. CRESPI, 1999. p. 9-24.

6. CRESPI, 1999. p. 9-24.

7. CRESPI, 1999, passim.

2. A configuração do *soter*

Não fora a escolha existencial de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, pelo sagrado, como forma de apaziguar-se com a vida e não fora também sua palavra persuasiva, objetivando conduzir o outro à salvação – o que, paradoxalmente, provocou uma das maiores carnificinas de que se tem conhecimento no Brasil – sua vida seria mais uma seqüência de fatos apagados e sofridos no isolamento e no anonimato do sertão.

Foi provavelmente a partir de experiências pessoais negativas e após um ocultamento como andarilho pelo sertão que teria sonhado para si e para seus seguidores um projeto de vida comunitária, visando à criação e à plantação coletivas, atraindo o fluxo de fiéis e peregrinos. Já estabelecido em Canudos, é rejeitado e visto como um herege pregador de idéias heterodoxas, sendo perseguido junto com os conselheiristas. Assentados em sua cidade no difícil momento social de passagem do Império para a República e apesar dos desmandos das classes dominantes, no espírito dos humildes circulava a certeza de que tinham alguém para defendê-los do/no sofrimento.

Na visão dos sertanejos o Conselheiro encarnava seguramente aquele que restituiria um código de Verdade que construiria uma utópica geografia da fraternidade e da fartura. Lembrando um *Pays de Cocagne*⁸ da fartura, sem fome – o mundo às avessas de que a Idade Média tanto se alimentou – uma “terra de promessa, onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas”,⁹ o pobre arraial realizava o paraíso perfeito onde não se precisaria trabalhar para um senhor escravizador. Mantidas diferenças e identidades geográficas e culturais, convém lembrar quanto ao tema da utopia realizada que Euclides da Cunha se referiu a Canudos como um “falanstério”, pois, de fato, a comunidade assemelhava-se pelo sentido da paixão¹⁰ que os uniu à que Charles Fourier idealizava concretizar. Em Canudos, os homens se reuniam segundo o princípio da semelhança de idéias e de objetivos. A terra de promessa, entretanto, foi derrubada à bala, ao entardecer de 5 de outubro de 1897.

No “retrato” literário do fundador de Canudos ficou estampado um “paranóico” fruto de carências pessoais e sociais, um predestinado que

8. FRANCO JUNIOR, H., 1992. p. 23-49.

9. CUNHA, E., 1993. p. 149.

10. KONDER, L., 1998, *passim*.

anunciava com o verbo incandescente para um futuro bem próximo o Juízo Final que, além da *parusia*, *traria* uma era de justiça e de felicidade para fiéis e arrependidos. A análise da representação, no entanto, revigora o mito sempre presente no inconsciente coletivo do condutor de almas e do organizador do povo: ou seja, o *soter*, o salvador capaz de estabelecer total diálogo entre comandados e comandante.

Para o mitólogo francês Pierre Brunel,¹¹ tais manifestações representam metamorfoses do mito primitivo, encarnariam expressões inconscientes do renascimento de figuras arquetípicas. Segundo tal leitura crítica, vê-se ressurgir, portanto, por intermédio do Conselheiro, a personificação do *soter* arquetípico.

O líder sertanejo, sempre presente em tudo o que se relacionasse com seu “reino”, conseguiu uni-los e reuni-los mística e socialmente na oração com a disciplina da fé inviolável. Descrito na forma de um estóico “gnóstico bronco” que norteara a vida “sem duvidar da Providência” e de um ambíguo “Hércules-Quasímodo”, em verdade o Conselheiro lutou contra fatores de ordem natural, pessoal e coletiva. Qualquer que tenha sido a crítica a ele endereçada, deve-se enfatizar que sua práxis assinalou uma evasão para problemas insolúveis de ordem coletiva.

Configura-se em *Os sertões* um paranóico desenhista de imagens apocalípticas para atemorizar e impressionar seus ouvintes. As adjetivações empregadas evidenciam que o Conselheiro provocou em Euclides da Cunha estarecida curiosidade de ordem científica, sempre marcada pela linguagem das doenças psíquicas. Seu “diagnóstico”, a cada momento, tenta convencer o leitor de estar frente a um obsessivo “doente grave”. No entender de Roberto Ventura, dentre outras condições, a observação do escritor foi prejudicada por sua “formação científica, de base positivista e evolucionista, com os preconceitos raciais próprios da época, que traziam a crença na inferioridade dos não-brancos”.¹²

Uma reflexão sobre tal fenômeno orientada pela hipótese da metamorfose do mito proposta por Pierre Brunel transforma sensivelmente o julgamento da palavra e da ação do orientador de almas, constantemente carregadas de delírios apocalípticos, conforme interpretação euclidiana. Os fiéis e seu líder repetiam, assim, atitudes atemporais, perdidas em brumoso

11. BRUNEL, P., 1974, *passim*.

12. VENTURA, R., apud ABDALA JR. & ALEXANDRE, I. 1997, p. 89-99.

histórico humano que só legaram seu testemunho por meio da memória mítica. Com os ensinamentos daquele Hércules-Quasímodo, sentiam ser possível materializar-se a sonhada utopia de esperança, de felicidade e de paz futuras, veiculadas na mensagem que o atraíram. Pela efetiva mobilização interior e exterior produzida pela palavra, o humilde “missionário das alturas” representaria para os marginalizados sertanejos “o delegado dos céus”. Entretanto, Euclides da Cunha enfatiza, com insistência, o ângulo Quasímodo, o aspecto grotesco do anunciador dos novos tempos a que Antônio Conselheiro se destinara, não eliminando a descrição dos seguidores. O escritor refere-se a obscuras zonas psíquicas de onde saem ou “heróis ou fascínoras, aleijões tacanhos, gênios e degenerados”. Coloca, portanto, todos os implicados na seara do “desnortado apóstolo” nos limites da loucura, do sonho alienador, da paranóia, da insânia.

3. Escritos da guerra e da fé

Foi durante campanha do exército contra o arraial que Euclides da Cunha, anotando aquela guerra civil com minúcias de repórter, transforma seus relatos histórico-fotográficos em uma interpretação pessoal do movimento, apresentando-o como exemplo de tendências conflituosas da realidade brasileira. Seria somente após breve permanência na região para acompanhar os acontecimentos, descrevê-los em seu diário e repensá-los que ele mostraria uma outra perspectiva do que se passava: ainda que não tivesse presenciado a tomada e destruição de Canudos. Como assinala Roberto Ventura, nos primeiros escritos sobre a campanha militar, não ficaram registros de sua revolta contra o extermínio. Mas em *Os sertões*, apesar da interpretação negativa de Canudos e de seus habitantes por parte de seu observador, encontra-se clara atitude denunciadora, pautada até certo ponto em revolta contra a realidade social, classificada de “crime”.

Este trabalho quer enfatizar que Antônio Conselheiro, mostrando uma verdade possível em meio a todo aquele desequilíbrio, encarnava uma presença providencial, preenchia o vazio socioeconômico com um forro religioso, interpretado por Euclides da Cunha em leitura muitas vezes fatalista e radical. Percebe-se, ainda, na “economia espiritual” do sertão, que o chefe religioso administrava com mestria o sagrado e o profano, gerenciaria os valores de uma comunidade vista cientificamente pelo autor como portadora de um comportamento neurótico, plena de marcas profundas de raízes psicológicas,

repetidas vezes relatadas como insânia mística e paranóia messiânica. Evidencia-se que em sua selvagem psicanálise positivista Euclides da Cunha parte de aspectos predominantes da ação catequizadora do Conselheiro, para afirmar ter ele sido “um infeliz, [que] destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a História como poderia ter ido para o hospício”.

As personagens daquele humaníssimo drama sociorreligioso serão descritas pelo olhar fascinado do repórter testemunho da História, que não se preocupou apenas em apreender o fenômeno Canudos, mas julgou com descrição minuciosa, “positivista, evolucionista”, o objeto investigado. Por isso, guiado por seu modelo pessoal da Verdade, exacerba com exercícios retóricos os seres ali reunidos e as relações entre eles.

O autor, como se percebe, sugere a religião como forma de alienação, de ópio anestesiador e regressivo da inteligência, causadora, talvez, do “temperamento delirante” e “da insânia” do líder, já mergulhado no estado emotivo de “um cérebro abalado” ao ampliar suas aspirações religiosas, arrastando atrás de si “erros de dous mil anos”. O perfil do Conselheiro, nitidamente marcado pela diferença, impunha-se fortemente pelo despojamento de qualquer bem, e isso “era natural (...) já que ele surgia – esquelético e macerado – das chapadas povoadas de duendes”.

Ao ser analisado hoje o movimento, a população de fervorosos comungava de uma referência cujo sentido congregador era o de pertencerem a uma comunidade de destino religiosa e material, por isso, quem nela entrasse, entregava boa parte dos bens pessoais, a fim de manter a sobrevivência coletiva. Tal desprendimento estaria de acordo com as prédicas compensatórias do chefe sobre o fim do mundo e a salvação dos escolhidos. Para ele os que pouco ou nada tinham nesta vida receberiam, em troca, do mundo transcendental, já no paraíso, seu quinhão de bem-estar espiritual. Vai-se formando, assim, o povoado da salvação que, para Euclides da Cunha, se apresentou como a *urbs* monstruosa de barro, “a *civitas* sinistra do erro”. Contudo, na perspectiva de *urbs* ideal e da cidade de Deus, o vilarejo congraçaria os homens, sem que precisassem se identificar, guardando, em suas rústicas e pobres casas sem camas ou mesas, nada mais do que redes, banquinhos e um oratório com santos toscos, como diz o autor: os fiéis – peregrinos na miséria e na falta – seguiram seus passos espontaneamente, felizes por estarem unidos. Aproximando-se, arquetipicamente, a simbólico Sumo Sacerdote, Antônio Conselheiro imantava a todos

aqueles que dele se aproximassem, reativando na geografia do sertão a instância do *sacer*; o sagrado primacial intocável.

É interessante assinalar o trecho em que Euclides da Cunha, baseando-se em relatos, refere-se aos sermões dirigidos aos fiéis. Dimensionando o fato pela imaginação, pois não o presenciou, ressalta o fato de os ouvintes do missionário, hipnotizados por aquela “insânia formidável (...), ouvirem mas não encararem o líder, que sempre mantinha o olhar no chão. Imagine-se, sublinha o autor, “um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse”. Além desse grotesco traçado, a figura literária de Antônio Conselheiro avulta, pouco a pouco, impressionando quem o analisa.

Mesmo que em vários momentos *Os sertões* abriguem uma linguagem preconcebida e comentários desavisados sobre a guerra, a obra, no entender de W. Nogueira, “alçou-a à tragédia paradigmática, mediante o louvor à coragem do vencido”.¹³ Apesar de revoltar-se, denunciando a guerra como um crime, o autor, porém, não chega – talvez por divergências éticas, socioculturais e mesmo filosóficas –, ao cerne do fenômeno Canudos.

Assinala R. Ventura que a eliminação do arraial deu-se, em razões profundas, não por ser um reduto anti-republicano ou de fanáticos inconseqüentes, mas por questões de conflitos entre facções partidárias da Bahia. Questiona ainda a

atuação da Igreja contra a atuação pouco ortodoxa dos beatos e pregadores e as pressões dos proprietários de terras contra a comunidade, cuja expansão trazia escassez de mão-de-obra e rompia o equilíbrio político da região.¹⁴

Em seus escritos sobre a guerra, Euclides da Cunha moldou a figura do Conselheiro com traços trágicos que formavam irreparável desvio e isolamento históricos em face do caráter libertador da República, como afirma em sua correspondência. Mas o que se deve sublinhar é que o arraial, sem dúvida, impulsionado pela figura de seu fundador, tornou-se a Utopia possível de que fala E. Bloch, em sua obra *Le principe espérance*.

Pintado nas linhas da obra euclidiana ficaram os traços de Hércules-Quasímodo, mas nos sermões escritos pelo Conselheiro – postos à luz por

13. NOGUEIRA, W., 1972. p. 24.

14. VENTURA, R. apud ABDALA JUNIOR, J. & ALEXANDRE, I. 1997, p. 89-99.

Ataliba Nogueira,¹⁵ revisor de *Os sertões* e crítico de Euclides – revela-se para o mitólogo um líder religioso e carismático. Tal retrato opõe-se ao de fanático, de profeta sebastianista e milenarista sugerido nos discutidos poemas chamados de ABCs. Estes ABCs eram quadras reproduzidas na famosa obra do engenheiro-escritor, interpretadas como escritos do Conselheiro, mas que serviriam à memorização dos feitos do líder. Não caberia e também fugiria aos objetivos deste trabalho analisarem-se os textos de autoria do Conselheiro aqui mencionados, visando à orientação de leitura a revisão histórica.

Deve-se afirmar que a importância da obra escrita do líder sertanejo avulta com devida importância por si mesma, concedendo elementos de questionamento de sua importância. Juntam-se estes às indagações do “profeta” de Canudos, a fim de melhor delinear a sua figura e desenhar Canudos nas linhas de uma geografia letrada. Euclides da Cunha, porém, não chegou a ter acesso aos sermões de Antônio Conselheiro. Após revelações de tal monta, o Conselheiro aparece como um sertanejo dotado de capacidade de expressão escrita para seus pensamentos religiosos, portanto a figura e a ação do líder devem ser repensadas.

Tal fato minimiza a versão euclidiana de sertanejo bronco, sugerida para a imagem já tão cristalizada do Conselheiro. O autor, não se pode negar, mostrou a voz do outro, porém não compreendeu o fenômeno da forma como objetiva este trabalho, que pretende refletir categorias essenciais da humanidade.

4. Conclusão parcial

Não se pode negar hoje que o Conselheiro, impregnado da instância do sagrado, manifestou em Canudos a metamorfose do mito do chefe político-religioso. Suas expressões de ânsia sagrada, tão esvaziada no anterior e neste século, não foram captadas por Euclides da Cunha que, no final do XIX, concebeu sua representação em forma de agressivo ataque às normas da ética e do equilíbrio psíquico. O imperioso desejo do missionário em participar do mundo do sagrado foi retratado negativamente pelo escritor. Em *Os sertões*, de fato, a figura literária do Conselheiro, delineada com traços da deformação comportamental, avulta em dramática e irreversível situação de um grave doente mental que, segundo

15. NOGUEIRA, A. 1974, passim.

o autor, para acentuar mais ainda sua fama negativa, alimentou a paranóia de uma coletividade inteira, ao querer salvá-la do mal e da fome.

Mesmo que na obra euclidiana a figura do líder tenha sido gravada de forma negativa, a tese defendida por P. Brunel sobre a metamorfose do mito propõe nova forma de investigação para o fenômeno, evidenciando que naquele humilde sertanejo continua perenizado através dos tempos o imemorial arquétipo do *soter*.

Em verdade, na obra permanece reavivado o símbolo do salvador que, devido a pressões sociais e temporais, emergiu vitorioso no deserto do sertão baiano. Finalmente renasce com ele a força de sonhar utopias e de realizá-las, a fim de o homem tentar inaugurar na Terra a almejada felicidade do Paraíso perdido.

Resumé: Cet article se propose d'analyser de quelle façon s'est construite la figure littéraire de Antônio Vicente Mendes Maciel – dit o Conselheiro. Effectuant un dialogue du texte avec son contexte, on s'est servi de passages de Os sertões, d'Euclides da Cunha, oeuvre revue par la critique d'Ataliba Nogueira e de Roberto Ventura. Tout en se fondant sur la théorie de la métamorphose du mythe, de Pierre Brunel, et sur la catégorie sacré, l'on en conclut qu'au cours de sa métamorphose Conselheiro conserve la figure du soter.

Mots clés: sacré, mythe, critique.

R e f e r ê n c i a s B i b l i o g r á f i c a s

- ABDALA JUNIOR, B.; ALEXANDRE, I. (org.). *Canudos: palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: SENAC/Boitempo, 1997.
- BRUNEL, P. *Le mythe de la métamorphose*. Paris: Armand Collin, 1974.
- CAMBEIRO, D. *A figura do berege: Eon de l'Etoile e Antônio Conselheiro*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro. Mimeografado.
- CRESPI, F. *A experiência religiosa na pós-modernidade*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CUNHA, E. *Os sertões*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.].
- FRANCO JUNIOR, H. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- KONDER, L. *Fourier, o socialismo do prazer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- NOGUEIRA, A. *Antônio Conselheiro e Canudos* (Revisão histórica. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. v. 301, out./dez. 1973). Rio de Janeiro. 1974.
- NOGUEIRA, W. *O império de Monte Belo: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Boitempo, 2001.